

Geografia revisitada.

(Conferencia: Soc. Bras. Hist. Ciência)

Nossa visao da historia da cultura repousa sobre curiosa dialectica nem sempre concientizada: a entre o "espírito do tempo" e "espírito do espaço", (spiritus loci). É como se os fenomenos históricos fossem espécie de síntese entre o espírito do seu tempo e um espírito que emana do espaço no qual se realizam. Exemplo: determinada igreja romanica seria síntese entre o espírito do século 12 e o espírito da Provence, seria diferente de igreja carolinga provençal por ser inspirada por espírito de tempo diferente, e diferente de igreja romanica lombarda por ser inspirada por "spiritus loci" diferente. Por certo: visto mais de perto, o fenômeno histórico se recusa a ser destaque analisado: determinada igreja romanica provençal revelará influencias lombardas, e outra influencias occitanas, e haverá igreja gótica ainda fortemente romanizante. Mas não será tal recusa do fenômeno de deixar enquadrar-se em modelos a verdadeira razão da dubiosidade do modelo: todo modelo, qualquer que seja, violenta o fenomeno a ser por ele captado. Outra consideração nos faz duvidar de tal idealização da geografia: quanto mais afastado no tempo determinado fenômeno histórico, tanto menos óbvio o espírito do espaço que o inspira. Exemplo: templo grego arcaico no sul da Italia ou no sul da Turquia não revelará, sob análise, diferenças grandes devidas à sua posição geográfica portanto consideráveis geograficamente. É como se o espírito do tempo se revelasse, sob visao distanciada, mais decisivo que o espírito do espaço.

Isto não obstante, a nossa taxonomia da historia persiste em operar com categorias emprestadas da geografia. Falamos em "historia ocidental" ou "historia do Oriente. Extremo", e, dentro da "historia ocidental" distinguimos entre "historia alemã" e "historia inglesa". Tais categorias nos obrigam a estipularmos inúmeras ligações entre os vários espaços, ligações estas que acabam por barrar os limites, e tornar imperceptíveis os, varios espaços. As cartas em atlas histórico estao recheadas de flechas que escondem o seu fundo. O preconceito que nos leva a desenharmos tais cartas é reduzível ao nosso engajamento ideológica em nacionalismo, patriotismo, e outros -ismos fundados em categorias da geografia. Tais ideologias nos obrigam a concebermos a historia enquanto processo que se desenvolve sobre fundo geográfico, isto é: concebermos o tempo como tendência que ordena os fenômenos no espaço.

Ora, tal visao da historia está se tornando de mais em mais insustentável. Não apenas porque a física atual nos impõe modelos espacio-temporais que não permitem separação categorica entre as tres dimensoes do espaço e a do tempo. Mas sobretudo porque os novos meios de comunicação estão sincronizando o espaço geografico, (por exemplo em tela de televisão), de modo que fenômenos nigerianos tenham consequencias imediatas sobre fenômenos chineses. Torna-se absurdo, em tais confrontos, continuarmos falando em espírito do espaço chinês e do espaço nigeriano. Isto nos obriga a abandonarmos qualquer pretensão a nao importa que regionalismo, e repensarmos a nossa visao da geografia. Redesenhamos as nossas cartas.

Sem dúvida: tal redesenhar das cartas geográficas já está em curso, e está recorrendo a vários parâmetros por enquanto não coordenados. Exemplo: sob o critério "renda per capita" a França aparecerá nas cartas geográficas várias vezes maior que a China, e sob o critério "custo de bilhete" a distância entre Londres e Nova York aparecerá menor que a distância entre Londres e Belgrado. A vantagem de tais cartas é a de perturbar nossa fé nas projeções geográficas clássicas, baseadas em quilômetros, já que não nos permitem reconhecermos nelas a superfície terrestre à qual estamos habituados, e já que são existencialmente mais informativas que a projeção Mercator. Acresça-se a isto, que tais cartas novas não são senão precursoras de cartas sintetizadas por computador, o qual permitirá sobreposição de vários critérios, por exemplo: carta mostrando a densidade de residentes sobreposta sobre carta mostrando o custo da vida. Não resta dúvida que nossas futuras decisões individuais e políticas terão tais cartas novas por base, de maneira que a nossa visão da geografia será radicalmente outra.

No entanto: tudo isto, por revolucionário que seja se for efetivamente consientizado, ainda não refletirá a reformulação da nossa visão geográfica que nos é imposta. As novas cartas salientam as diferenças regionais, em vez de as diluirmos: na grande maioria delas a América do Norte, a Europa Ocidental e o Japão aparecerão muitas vezes maiores que o resto do mundo. O atual declive norte-sul, via de regra apenas concebido, se torna imaginável em tais cartas. O que sugere por que tais cartas novas não são satisfatórias: fixam eles o espaço em determinado momento, quando o que importa é mostrar como os vários espaços estão sendo arrastados rumo a um ponto de convergência que os sincroniza. As novas cartas geográficas continnuma sendo fotografias, (até se forem projetadas em tela de computador), quando o que importa é termos filmes. Não duvido por um instante que cartas geográficas fílmicas, (ou vídeo), são tecnicamente viáveis. Não estão sendo feitas, (ou, se feitas, não são disponíveis), porque aniquilariam as ideologias políticas, culturais e sociais que nos dominam, e nos deixariam desorientados. Tais cartas fílmicas mostrariam a tendência acelerada rumo ao desaparecimento do espaço geográfico em ponto de convergência, em zero-dimensionalidade articulada pelo termo "utopia", (ausência de espaço).

Dito isto, é preciso confessar que dispomos, desde já, de tais cartas fílmicas, e que as manipulamos quotidianamente. Na nossa tela TV vários espaços geográficos, outrora tidos por distantes um do outro, se acotovelam, e passam a interferir um no outro. E dentro em breve disporemos, graças a satélites, e sobretudo graças a cabos reversíveis, de métodos para fazermos sobrepor um espaço sobre o outro, e destarte criar zonas cinzentas que constituirão outros tantos espaços novos. Exemplo clássico: revolta estudantil no México, em Paris e em Praga na primavera 68 formará, destarte manipulada pelo "receptor", um único espaço. Não conceitualmente, mas visualmente, enquanto imagem sonora. E tal imagem, transformada em fundo de imagem da revolta estudantil no Cairo em 84, mostrará um ponto de convergência da tendência de 68. Carta geográfica nova esta, e que já está funcionando, sem que ainda ~~seja~~ admitida enquanto carta.

O que estamos assistindo, com efeito, é "superação" da geografia em significado ainda muito mal analisado. O ato histórico tende a visar, não mais tanto determinado espaço para modificá-lo, mas determinada imagem como que suspenso fora do espaço. Exemplos clássicos: monge vietnamita que se suicida com fogo em função de camera TV, e piratas que captam avião israeli e esperam a chegada da camera antes de explodi-lo. Exemplo recente: não houve revolta nas townships sudfricanas, porque o estado de sitio impediu os cameramen filmá-la. Isto implica que os processos históricos estão decolando da geografia para se dirigirem rumo a imagens imateriais que pairam por cima da geografia. No entanto: tais imagens imateriais não são telas de fundo passivas sobre as quais os atos históricos se precipitam. Exercem ação sugadora, são sedentas de sempre novos "acontecimentos". Sob tal sucção convergente a historia se acelera, e se precipita, em progresso sempre mais furioso, imagens adentro. Até acontecimentos em regiões afastadas, (isto é: de difícil acesso às imagens, o que é nova categoria geográfica), vão sendo recuperados, e o Afeganistan é disto exemplo. A visão histórica que isto impõe é esta: a corrente histórica brota de vários pontos na superfície terrestre, vai sendo sugada por imagens transgeográficas, lá vai ser reprocessada, re-projetada indiscriminadamente sobre o globo terrestre, e vai servir de modelo para toda ação histórica futura, não importa a região geográfica na qual ocorre.

Ora, tal nova visão da historia implica nova visão da geografia. A superfície terrestre enquanto suporte para as projeções providas das imagens. A divisão tradicional da geografia em "física" e "humana", adquirirá significado novo. A geografia física tratará da estrutura do suporte que capta as mensagens providas da rede informática, e que lhe fornece dados. E a geografia humana tratará do processo de convergência no qual as várias sociedades ainda separadas em regiões estão empenhadas. Alcançada tal meta, tal utopia, a geografia humana terá perdido o seu assunto.

Parte apreciável da sociedade abandonou, desde já, o seu suporte geográfico e passa, horas a fio, em terreno que transcende a geografia. Não apenas quando olha a televisão ou ouve transistores. Esta nossa reunião, que se passa aparentemente em bairro paulistano, ocorre na realidade em contexto transgeográfico, e tem por vizinho, (não os demais bairros paulistanos), mas reuniões afins, não importa aonde ocorram. A geografia está deixando, desde já, a determinar a vida dessa parte da sociedade. As imagens sugadoras de história e re-projetadoras da história são habitadas por parte apreciável da sociedade, a parte que se dedica ao processamento de tais imagens. Esta nossa reunião pode servir de exemplo de como as imagens são processadas: para nós, aqui e agora, a geografia não mais é condição que nos envolve, mas assunto sobre, (isto é: por cima de), o qual estamos discorrendo, para fabricarmos imagem com tal discurso.

Pois isto me parece ser critério importante para a distinção entre o dito "primeiro" e "terceiro" mundo: as sociedades do primeiro mundo passam tempo apreciável da sua vida na transcendência da geografia, e as do terceiro estão ainda geograficamente determinadas. Duas consequências do critério proposto: Nós aqui

agora pertencemos ao primeiro mundo. E se um de nós, ao sair desta reuniao, for assaltado por trombadinha, passará a pertencer ao terceiro mundo. O que implica que a fronteira entre o primeiro e o terceiro mundo nao mais é linha geografica, mas linha existencial: passa ela no íntimo de cada um dos atuais membros da humanidade. A geografia deixou de ser disciplina competente para a divisao entre primeiro e terceiro mundo. É ela um dos assuntos que a geografia perdeu.

A ideologia que nos domina impede que concientizemos tal^s transcendencia da geografia ora em curso. As novas estruturas que estao emergindo em desprezo pelas condições geograficas, e que nos estao absorvendo de forma sempre mais acentuada, sao por nos etiquetadas por nomes ideológicos que sugerem serem elas implicadas em geografia. Nomes do tipo "internacional", "multinacional", banco "mundial" ou "nações unidas" fazem crer que se trata de tentativas de interferir na geografia. Na realidade, tais novas estruturas escapam as categorias próprias à geografia. Quem nelas estiver engajado, terá superado a sua condição geografica, participará do primeiro mundo, e quem as criticar do ponto de vista regional, geográfico, será inserido no terceiro mundo, e que seja apenas porque sua ideologia o impele para tanto.

.....

Esta comunicação tratou, até agora, de utopia, embora de utopia em vias de realizar-se. É preciso, no entanto, considerar tambem as atuais tendencias que se opoem à realização de tal utopia. Tendencias geografistas, ou, para usar-mos termo mais habitual tendencias regionalistas. São tendencias que nao apenas continuam insistindo em tal "espírito do espaço", mas que procuram artificialmente re-anima-lo. Seria fácil demais chamarmos tais tendencias, (por exemplo a do separatismo basco ou bretão, a do regionalismo napolitano ou macedonio, ou a do culturalismo bávaro ou escocez), de tendencias reacionarias que procuram em vão opor-se à tendencia geral rumo a convergencia do espaço sobre o ponto da utopia. Porque não há como negar que de fato há regiões nas quais algo que possa ser chamado "espírito do espaço" continua agindo poderosamente, e que pode impedir que a geografia seja superada. Mencionarei apenas duas de tais regiões, para ilustrar o problema: o Oriente Medio e o subcontinente indiano.

Não consultem suas cartas geograficas tradicionais para ver em que estou falando. Porque o regionalismo levantino se manifesta tanto em Paris e Munique quanto em Alger e em Constantinopla, e porque o regionalismo hindu está se apoderando mais das universidades americanas que das indianas. Pois tais dois regionalismos estão insuflados por um espírito de espaço que se quer transregional e que tem o nome de Islam e de Hinduismo. Nossa tendencia intestinal para afirmar que os espíritos do espaço Islam e Hinduismo são contrários ao espírito do nosso tempo, (que fenômenos como Kadafi ou Moon são anacrônicos), deve ser resistida. Porque tal revolta da geografia contra a trans-geografia, tal revolta do terceiro contra o primeiro mundo, pode perfeitamente apoderar-se do espírito do nosso tempo, e impedir que a utopia se realize.

O importante a notar nisto é que todo regionalismo, para poder afirmar-se,

5
é necessariamente universalismo. O Islam visa a Umma, o Hinduismo a salvação da humanidade toda, exatamente como o fez outrora o regionalismo ocidental sob forma do cristianismo e da técnica fundada sobre ciência exata. Toda vez que a geografia se afirma, tende a ultrapassar-se. Na realidade pois os movimentos terceiro-mundistas, e que se articulem em cantos aparentemente tão isolados quanto o é o Burkina Fasso, não visam independência ou soberania regional, (conceitos estes esvaziados de qualquer conteúdo existencial no contexto atual), mas visam o globo inteiro. (Citei Burkina Fasso, porque ainda há pouco tempo era chamado de Império, isto é: domínio sobre o globo). Não há geografia que se contente sendo geografia, não há espírito do espaço que não tenda a apoderar-se do espírito do tempo.

5
E isto permite propor-lhes a seguinte conclusão deste excuro peremptório para a geografia: A humanidade está decolando da superfície terrestre, não apenas literalmente sob forma da astronáutica, mas ainda mais significativamente sob forma de sincronização dos eventos. Parte apreciável da sociedade age e pensa desde já em categorias não condicionadas pela geografia. E os que resistem a tal abandono das raízes, à tal recusa do colo protetor da Grande Mãe terra, os atuais regionalistas, patriotas, nacionalistas e demais terceiro-mundistas, (estejam eles no sul ou no norte do Equador), estão na realidade querendo apenas injetar o seu sabor regional para dentro do ponto de convergência para o qual todas as regiões estão se precipitando. Devemos repensar a geografia, antes que não haja mais geografia para ser pensada.